PAULO CHAVES

NARCISO
E PROMETEU

(POESIA)

R E C I F E
Edição de ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS
1 9 6 9

Morte espreita a morte dos que têm as órbitas sombrias abismos
profundos/Ela espera
Pântano vermelho noite verde vento amarelo varrendo fôlhas
plumas de cadáveres de múltiplos membros de
rostos múltiplos diante da montanha
A Rainha berça um mendigo/O seu eu ou não o seu?
Eu vos peço piedade por seus cabelos alados por seus olhos de
mar por seu coração de ouro por seu corpo de
pérولا por seu pescoço de cisne
Humanidade de lábios escarlates de garras rochosas vinda de
regiões polares sois a MEDUSA IMPLACÁVEL
O sois vós ou não o sois?
Mar cruel vagas loucas rasgando nuvens vomitando sôbre astros
rubros de cólera

Loucura universal à visão do corpo profanado do adolescente
torturado despedaçado só irremediavelmente

E rei e mestre e deus

Imolado em rei em mestre em deus

Um orgulho divino escorre de suas feridas descendo por suas
coxas brancas gotas de sangue em seus pés ino-
centes perfurados por pregos imensos cujo ódio
ilumina a paisagem com suas flamas injustas

LIBERA ME DOMINE!

Diríamos nós vós todos — seus carrascos hienas ferindo uma
prêsa demasiado fraca

Humanidade Humanidade tenho vergonha de nós tenho vergo-
nha de mim uma vergonha atroz de executar
nossa vítima de não estar no sofrimento de seu
corpo de não ser seus membros torturados

Ele conhece nossa fraqueza nossa hipocrisia nossa estupidez/
Ele conhece a própria sabedoria/Éle sabe que
é vencedor e imortal malgrado as aparências

Conheceis o remorso Humanidade?

Noite amiga leva-me sôbre a Montanha e substitui meu corpo
cuidado perfumado por aquêle lá fétido agoni-
sante PURO

Vocês vítimas vocês inocentes vocês feridos humilhados pelas
garras ungidas pelo papa e abençoados pelo rei
de Humanidade

Cada um só e nu contra as tropas os tanques os canhões os a-
viões supersônicos as bombas atômicas os fo-
guetes os satélites ungidos pelo papa e abençoa-
dos pelo rei

Vós sois as vítimas dêsse mundo surdo cego cruel mas sereis a
elite do futuro os mestres das constelações e de
novos mundos

O vento varre a poeira dessa terra arcaica — velho corpo sem
o antigo coração — e joga nos olhos de Medusa

Eu já estou nessa época futura!

Os vencidos de outrora são vencedores/A injustiça de ontem
julgada condenada executada

No lugar de Prometeu está Medusa

— Que pedra é essa
de forma humana
olhos frios fixos
corpo insólito contorcido?
Quem a planejou assim
em desmedida angústia?
Que flama o âmago
Do gélido arcabouço
inflama?

— Alguém que olhou os olhos de Medusa
Todo o horror da presença animal
 Todo o horror da ausência espiritual
 Alguém que fixou os olhos no Abismo
Tu a vês? Ela está lá no tópo
 Da montanha a todos visível acenando
 A cada um como qualquer prostituta
 Ninguém dela se aproxima/Ela é nossa
Soma nosso esforço conjunto

Se quiseres chama-a Povo
 ou Sociedade
 ou Humanidade
Tem por cabelos serpentes
Tem por olhos abismos
Tem por boca feitiços
É rude cruel vulgar todos a temem e todos a reverenciam
 como a um deus maligno
Aquêlê lá pobre estátua rendeu-se ao charme separou-se da
 malta hostilizou Medusa
Foi picado por serpente
Soçobrou no abismo
Sucumbiu ao feitiço
Ao olhar o fel somado de todos os continentes vindo de vá-
 rios mares filtrado de tantos entes
Num grito que rachou as fortes estruturas dos mais com-
 pactos edifícios
Solidificou-se em Mineral/Mas toque-o vamos toque-o
Não sentes ainda um vestígio de calor um leve rumor
Como o tic-tac desesperançado de coração sob o arcabouço
 de pedra?
Ninguém ousa dêle aproximar-se todos fingem que não existe
Como ignoramos todos o Monstro lá no tópo
Aquêlê verme aquela infame criatura que é todos nós e que
 também não é nenhum
Medusa ou a Soma De Cada Um

3 — PROMETEU 70

Meu nome é Prometeu
Resisto
Não me esculpíreis à vossa imagem
Não me incorporareis à vossa mentalidade
Enfiai na privada vosso esquema de valôres vossos conceitos
 vossa moral
Nada quero com êles nem convosco
Carrego comigo minha própria escala/Meus conceitos e minha
 ética eu os levo num saco próprio
Nenhum compromisso com a Hipocrisia
O Poeta 70 deve defender seu bem mais precioso: sua reformu-
 lação do verso e do mundo
O que aqui está é mecânico mercantil mesquinho
A mecanização do humano é hedionda
Breve teremos por Presidente o AI 9005
E a Elite Humana será a dos vigaristas da Bolsa Indústria e
 Finanças internacionais
Eu protesto
Mesmo nada valendo eis meu protesto
O mundo ideal poderá vir a ser ou não ser
Eis o indivíduo cada vez mais acuado pelos seus semelhantes
 em sua vida privada em sua liberdade
E a assustante proliferação da loucura num mundo sempre mais
 estridente e áspero
Estão os homens cada vez mais agrupados e progressivamente
 mais sós
Formidável aformigamento dos sêres humanos nesses imensos
 formigueiros ou arranha-céus
Na hora do *rush* ninguém pára para contemplar o pôr do sol
(Só é real o que sentimos a miséria não existe a fome é um mito)
O *rush* cada vez mais semelhante ao estouro da boiada
A metamorfose da multidão em manada
O indivíduo esmagado
A terra árida

À beira da fonte, imerso em si mesmo, distante da ninfa ena-
morada e próxima
Seu corpo de homem ainda não formado abandona-se a um êx-
tase langoroso
Velando, a fiel Eco, Narciso, esquecido da tristeza que à bela
causava.

A Primavera ilumina os campos, perfuma as árvores e o bor-
bulhar da fonte é suave
Como a ternura do pastor sôbre as águas, refúgio de seu Amor,
levemente inclinado

“Como não amá-lo?”, pensava Eco.

Como ousava repelir o Espírito das Águas aquela ternura amá-
vel que de Narciso emanava?

E cerrando os olhos ela imaginava que lhe eram destinadas as
preces ali murmuradas

E que o jovem, tímido e nunca dantes tendo amado, assim se
exprimia à sua ninfa reclinada

Assim sonhava Eco; sonhava porque Amor não lhe amava e na
intimidade de seu ser agonizava

Passavam os dias os amantes definhavam e Primavera compa-
decida às Águas suplicava:

“Salvai Narciso!”

As divindades assistiam compadecidas ao suplício dos jovens
pelos Fados condenado

E as águas se abriram, recebendo Narciso nos braços e Prima-
vera abrigou Eco em seu regaço.

Da terra brota uma mão alva de longos dedos nervosos repletos
de desânimos enodoados de sangue

Que atravessam as nuvens e comprimem a lua e o sol se debate
na mão que o esmaga

A noite é definitiva/Eu escrevo na escuridão/Os gemidos do
sol me assustam agora

Os gritos de angústia que lançam os astros me enchem de pavor
Mas para onde fugir? A circulação é confusa e as estrêlas des-
cordenadas se chocam umas contra as outras
urrando

Eu escrevo na noite definitiva e escreverei até que nada reste
em mim fora de mim

O sol morde a mão que o encerra com seus dentes de fogo sua
ferocidade máscula sua ânsia de viver de VIDA

Hélas! A mão é mais forte que êle e nela tudo morre e por ela
tudo se torna cinzas

O sol se apaga

Entre os destroços de tudo que não existe mais ETERNIDADE

A BELA levanta o manto usado sob o qual um
esqueleto

Suspenso a uma corrente agitada por ventos glaciais revela que
só a Morte é *indissolúvel*

Assim falando ia entrando nas águas
Abraçando em seus membros submersos
O corpo que seu corpo afogava
Nas superfícies alagadas não mais se avista Narciso
São cinco horas da tarde
E a sombra lentamente absorve a paisagem o amante e o lago

recordação de Narciso

Era uma tarde de inverno
Uma solidão desolada
Uma imensa devastação
Eram pedras só pedras
Na solitária região
Na tarde de solidão
Nessa paisagem apagada
Havia um triste alagado
Um pobre e feio alagado
Imagem da vastidão
E quando a sombra desceu
Naquela morta paisagem
Ouviu-se uma voz ancestral
Que contou às solidões
A história de seu passado
E assim falou o charco:

“Narciso me amava mais do que eu mais o amava
Belo belo nosso amor era belo
E quando êle partia ficávamos tristes vazios
Êle só eu só eu
Mas meu amado por mim em amor morreu
Num gesto terno e do mais imortal langor
Seu corpo docemente no meu mergulhou
E sua vida em me amando se afogou”

O pobre charco sofrendo de desamor
Assim lembrava às solidões
Naquela noite invernal

Naquela morta paisagem
Assim lembrava Narciso

Amado que não o amou

nasce a flor

Na deserta aridez do deserto petrificado
Não havia uma só flor nem mesmo uma ramagem
Naqueles sêres de pedra da charneca devastada
Naquele triste não ser daquela morta paisagem
Naquele mesmo calcáreo que um dia já fôra lage
Naquele mesmo rochedo que um dia fôra regato
Todo branco possuído pela luz iluminado da lua
Eis a flor surge Narciso
E as pedras não são mais pedras na fulgurante paisagem
São hinos de amor divino de querubins radiantes
Invisíveis cantos de amor de arcanjos apaixonados
É um cântico de amantes mais amantes que amados
Aleluia! Aleluia!
Cantam os pássaros anunciando de o regosijo celeste
E a flor indiferente ao canto das divindades
Sorri a eterna ilusão da beleza bem-amada

E assim falaram as feiticeiras ao nascimento da flor:

— Sete vêzes sete anos
Setenta vêzes teus anos
Nós te amaldiçoamos
No nosso fogo fervemos
A maldade tôda das gentes
A mentira dos viventes
A lamentação dos sofredores
A demência dos dementes
A dormência dos dormentes
Sete vêzes sete anos
Setenta vêzes teus anos
Nós te amaldiçoamos —

E assim falaram as flôres ao nascimento da flor:

— Pobre flor malamada
Branca e maltratada
Meiga flor do recato
Bela do belo regato
Branca do branco amor
Pura do amor amor
Pelo vento e pelos anjos
Pelo mar e seus maranjos
Nós te abençoamos

voz do narrador em um tempo sem idade

Um jovem se inclina sôbre as águas
E permanece pelos séculos inalterado
Nesse tempo diluído olhai comigo a paisagem
São cinco horas da tarde de uma tarde sem idade
E a noite lentamente absorve o poema o amante e o lago
São cinco horas da tarde...

8 — CANÇÃO DO RETÔRNO

Pesado está o ar e escura a noite.
Erguendo os olhos uma miríade de extintas civilizações
Desliza por entre as nuvens com suas tôrres de ouro e marfim.
No céu passa uma sombra e mais uma vez é noite escura.
Voltarei no próximo século.
Quem sabe se não serei a flor que levas ao baile, prêsa à tua
lapela?

Não há dúvida de que renascerei de minhas cinzas.
Talvez, ao invés de avançar-me no Tempo nêle retroceda,
E seja Endimião ou Narciso ou um leproso dos tempos de Cristo.
Os mesmos homens que partiram voltarão.
Partirei cêdo mas estarei entre aquêles que primeiro voltarem.
Uma águia fere os espaços com suas asas e habita nas culmi-
nâncias do mundo.

Êsse pássaro ardente e solitário sou eu.

Êsses palácios são habitados por passarinhos.
São os antigos castelões que voltaram aos lugares de suas vidas
e de suas mortes.

O hábito é um costume abominável que permanece mesmo depois da morte.
Eles eram muito ricos e hoje ainda mais o são pois tornaram-se pássaros.
Nos velhos corredores persiste um perfume sutil de felicidade e de tristeza de riqueza e de destruição.
O Tempo carcome os retratos dos antepassados dos pássaros
Alinhados ao longo da velha galeria que termina numa janela arruinada.
Nesta uma anciã sonhadora contempla a beleza perene das estrelas.

Era uma vez o Rei de Ouro.
Uma côrte tagarela e fútil o cercava.
Êle era casado com Opulência e viviam em grande esplendor.
O Rei do Ouro é morte cochichava-se pela côrte.
Hoje êle é o Rei do Brejo e ninguém o incensa mais.

No jardim há um silêncio tranqüilo de sono sem sonho.
A noite desceu com uma grande ternura sôbre flôres e plantas.
Dentro de mim mil anjos e mil demônios travam uma batalha.
Muitas já houve e muitas virão ainda.
Eu gostaria que vencessem os anjos.

9 — PARA UM DESTINO DESCONHECIDO

Um trem desliza na noite para um destino desconhecido
E uma rua sem nome conduz o passante a outras ruas
Obscuras desconhecidas perdidas na noite sem identidade
Mergullhada na inquietação morna que banha a cidade adormecida
Uma forma aparece de repente na calçada que a janela do nº 17 ilumina
E pelo retângulo iluminado passa o vulto maldito
Êsse personagem imortal de que falam os poetas e que atende por solidão
Nem macho nem fêmea — um Espectro que percorre as ruas do mundo
E as rotas terrestres levando àqueles a quem abraça tristeza e desespero

O trem apita 3 vêzes e desliza em direção a Madrid talvez
Onde o sol do flamengo brilha em tôdas as estações
Ou para Roma onde o esplendor da cúpula de Miguel Ângelo
Protege a cidade milenar da tristeza que se avizinha em dezembro janeiro e fevereiro
Ou para Paris onde a Arte estrangula num quarto de hotel de terceira
A Burrice Provinciana chegada recentemente à Gare de l'Est pelo trem de Nancy
Partir partir! A felicidade continua lá ela me espera lá
Naquela estação desconhecida última etapa dessa viagem
Lá e não aqui na última parada do Expresso que vem de Nancy

Pedras louco amor caos vento gemedor árvores mortas fôlhas
 arrancadas abismo onde o ouro torna-se noite
 Um rompimento conduz a outro até a perda total
 Pedra substância dolorosa que geme e rola no desespero e morre
 Ar de derrota coisas mortas amor insensato estações de desespero
 O Homem
 Nariz aquilino olhos inquisidores vento chuva tempestade cal-
 maria cinza melancólica estação
 O Homem de pé junto de Esperança — vencedor
 O vento recomeça e sopra e mata e carrega olhos nariz corpo
 Primavera verão outono e inverno
 E o Homem sempre lá sempre o Homem o Homem criador
 eternamente

Foi aqui que se denegriu a Inocência
 E que a Pureza ignizou-se em seu oposto
 Foi aqui que sofri a grande derrota
 E no entanto para meu triunfo final
 Foi-me necessário esta queda e desespero

A ti Serpente eu eriei para que me vencesses
 Aqui sob esta árvore e com esta arma
 Que eu fabriquei para que me ferisses o coração
 À tua passageira euforia oponho a ressurreição
 Final da Luz que rebentará um dia na Noite do Mal
 E então quando tudo estiver consumado sôbre a terra
 Farei de meu ser o abrigo benevolente
 Onde teu amargor encontrará apaziguamento

Eu te vejo vir a mim teu ser esfacelado teu orgulho
 Alquebrado e entretanto a paz que te fugia sempre
 Tu a terás no instante em que o ANJO soar meu triunfo
 E sob esta mesma árvore em que me infligiste a ferida
 Um dia neste lugar preciso sem corôa e sem fiéis
 Tu te aproximarás de mim e ao nos abraçarmos
 Seremos UM SÓ

Pelo Aqueronte atroz e cruel Caron conduzido ao mundo dos
 que daqui se vão
 À infernal reclusão eis-me Vate entrando por teu Canto na cons-
 ternada prisão
 A muralha dos séculos não destempera o estupor que tal descida
 no incauto opera
 E no Recinto do Sofrimento perpétuas grades malvadas criatu-
 ras a dor impera

Os vapores asfixiantes do inferno aspirei e seu perfume violento
 De minha imperfeita conformação à melhor matéria deu nôvo
 alento
 E afastou-me do falso encanto beleza pérfida do Travestido Belo
 Belo que não o era/A maldição dos humanos é do demônio dial
 anelo

*POR MIM SE VAI DAS DORES À MORADA
 POR MIM SE VAI AO PADECER ETERNO
 POR MIM SE VAI À CARNE CONDENADA*

Atentai Pó nesse portal e canto
 Na surdez de teu impuro ente
 Cantado pelo Poeta em pranto

Escutai o Canto que vem da Itália nas asas do Tempo!

Argila feita de divinas excrescências
 Escutai a canção do Paraíso e Inferno
 De tua vida dolorosas reminiscências

E quando tiveres compreendido vem comigo e chora

Na paisagem ofuscante
 Que o sol esmaga
 Sob o fulgor ardente
 Rochas imemoriais
 Espelham o brilho

Da Imortalidade
 A Fatalidade vem
 Envolta em inverno
 Expelindo a primavera
 Com um gélido vento

Uma névoa sêca
 Povia a terra
 Da natureza expele
 Beleza e fulgor
 O verde esplendor
 Nada mais
 Noite e silêncio
 Espera

No horizonte este
Um clamor longínquo
Um clarão repentino

A vida descerra
O manto frio
E envolvê-la
E estende os seios
A pássaros ávidos
Da seiva ardente

Do ventre desperto
Crianças nascem
Já muito antigas
Cada nôvo ser
É um ser renascido

Do calor extinto — o fogo
Do frio partido — o gelo
Das cinzas — o pássaro
Dos ossos humanos — o homem
Tudo é a renascer!

A claridade passa
O clarão extingue-se
O murmúrio morre
Sobrevém o silêncio

Miríades de Fênix
Povoarão os espaços
Cortarão os ares
Co'as imensas asas

O mesmo sol voltará
A mesma lua estrêlas
Renascerão plantas flôres
Reviverão animais extintos
Ressurgirá o mesmo homem

Um vento ancestral
Percorre o mundo
Imutável e perene

A vulva terrestre
Expele antigos sêres
E o sêmen pré-histórico
Orvalha o século infante

A Fênix solitária
Alça vôo das cinzas
Repovoa os ares
Com sua conformação
À terra ressurgida

A eternidade humana
Sobrevoa a natureza
E no intervalo mira-se
Nas águas tranqüilas
Nos ápices do mundo
Espera a ressurreição
A eternidade humana

No horizonte este
Um clamor longínquo
Um clarão repentino

E o Pássaro renasce de suas cinzas

People don't seek her
 People can't flee from her
 They just meet her

PEOPLE

People like a vision
 They disappear so quickly
 People like nothing
 They become unliving so easily
 People like a nightmare
 They illtreat us so often
 People like a herd
 They eat and die so peacefully

GENTE

As pessoas como visão
 Desaparecem facilmente
 As pessoas como nada
 Tornam-se nada súbitamente
 As pessoas como pesadelos
 Nos maltratam constantemente
 Aas pessoas como manada
 Comem e morrem calmamente

ELA MAIS UMA VEZ

Êle ficou lá calmamente a esperá-la
 Êle sabia que ela viria à sua procura

Por que iria êle procurá-la?
 Era tarde e o sol se punha
 Êle tinha recebido sua mensagem
 Ela viria trazida pela noite
 Êle continuava lá esperando por ela
 E o sangue parou de correr em suas veias

SAGESSE

Je sais
 Je sais très peu
 Je ne sais presque rien
 Je ne sais pas

NÓVO VERSO

Surgiu
 Brotou da terra
 Belo como o real emblema
 Le lys de France
 La France aimée
 Contre l'Angleterre
 Hypocritical land
 But home of Shakespeare
Hoje é o dia de São Crispim
 Visto a armadura
 Gloire est mon nom
 Azincourt!
NÓS, POCOS; NÓS, OS POCOS FELIZARDOS
 Saxões, à vitória
 Mort aux français!
POIS QUEM COMIGO O SANGUE DERRAMAR
FICARÁ SENDO MEU IRMÃO
 Adieu Falstaff
 Je ne vous aime pas
 Ich liebe sie nicht
 Ich liebe Shakespeare

Na sala a estatueta de madeira/enigmática
 Sôbre o jacarandá polido da mesa sem enigmas
 Emitis a perenidade das figuras de cêra de Madame Tussaud
 Êle estava lá eu o sentia o ancestral misterioso perdido nos mi-
 lênios
 Revólto e implanável nas cavernas/Êle voltara êle era aquela
 fôrça
 Hipnótica na sala sombria emanando do centro da mesa
 Da estatueta de seios imensos de membro longo de pernas cur-
 tas e grossas
 Ela estava ali — poderosa rude elementar — aquela origem
 da qual eu sou produto e fim

Um dia estava deitado
 No colo de Almabela
 Em seus seios enoitado
 Na imensa tristeza dela
 Almabela doce bela
 Da tristeza fui ferido
 Por uma dor que desvela
 Um padecer desmedido
 Não entristece a flor
 Pelo pólen que desfaz
 Pela perda do vigor?
 O desfazer não refaz
 No seu coração distante
 Na sua nudez inclemente
 Chora o meu calcinante
 Numa linguagem demente
 Em seu colo de gelo
 Meu calor de amante
 Já não obtém desvêlo
 Sou ruína fumegante
 E ela só me sorria
 Em meus braços sorria
 Um sorriso mortamente
 Com Almabela ficarei
 Com Almabela partirei
 E juntos eternamente
 O que se foi não se é
 O desfazer não refaz
 Só amor não se desfaz

Cai uma fólha
São seis horas
Um pássaro canta

Os sinos tocam
Acordando o silêncio
Do calmo domingo

Na tua infância
Doce remanso
Dormes e sonho

Sou Jesus
És a Virgem
Fornicamos

Como podes ser virgem
Se tão bem fizemos
O que fizemos ontem?

Os sinos tocam
Acordando o silêncio
Do calmo domingo

Brandy ou café com leite?

Os divinos habitantes do claro firmamento
Descem às praias inundadas de contentamento
Todo esplendor dos deuses ilumina o lual
De uma perdida ilha o sublime bacanal
A cósmica mensageira do amor e da morte
Deusa versada na desgraça da humana sorte
Dança para embevecimento dos claros astros
Bailados mornos lânguidos tristonhos e atros
Alegrias e luzes esvaem-se tal fumaça
Ao amor e à morte um abraço entrelaça
A luz parte da ilha a ilha parte da terra
E a branca criatura pelos espaços erra
Ai triste lual que a pálida Morte encerra!
Ai triste corpo morto surdo ao rumor da guerra.

Intraduzível emoção esta de vos ver NOSSA SENHORA DE
 BRUGES
 Vós que o escultor amado criou para a admiração dos séculos
 A NOITE pensativa em Florença medita sôbre o destino da
 Beleza
 Que um dia deslumbrou Miguel Ângelo e dêle fêz um servidor
 genial
 E o servo criou o ESCRAVO e o ESCRAVO por sua beleza
 elevou-se aos deuses
 NOSSA SENHORA DE BRUGES maternal sensível radiosa
 criatura
 Chorais como eu por êste homem — o maior — Miguel Ângelo
 imortal?

Eu sou o vento
 As fôlhas os frutos
 Da árvore primaveril
 Eu sou a árvore de outono
 Meus dedos meus olhos caem
 Meus braços pernas coração
 O vento do inverno os carrega
 Eu sou a tristeza a estação
 Das chuvas a próxima
 Estação e as duas outras
 Eu sou mesmo aquilo que não sou
 E mesmo aquilo que nunca fui
 E também aquilo que não serei jamais
 Tudo que está morto
 E tudo que vive eu sou
 Do céu que morre porque eu morro
 Caem as chuvas do inverno
 Eu caio sôbre a terra
 Eu desço em mim mesmo
 Eu sou todos os climas
 Todos os povos todos os mundos
 Possíveis ou impossíveis
 Eu também sou Deus
 Mas eu sou sobretudo
 Eu o sou desmesuradamente
 A ESTAÇÃO DAS CHUVAS

O último trem partiu à meia-noite
 Atravessamos a planície enluarada
 Numa noite tão estúpida quanto deserta
 As formas gigantescas das montanhas
 São velhas áridas amargas e grandiosas
 Como aquêles animais perpétuamente sorridentes
 Que minha alma soturna despreza e inveja
 A lucidez é a fôrça e a maldição
 Dos que querem povoar a lua de amor
 A terra de beleza os homens de tolerância
 Não será melhor tomar como eu
 O último trem o expresso sinistro
 Que carrega para Esquecimento meu passado
 O fogo e o gêlo do verão e inverno
 Morte paira silenciosa sôbre a paisagem
 Adormecida na monotonia do leito invernal
 O vento e a neve cobrem a terra e os sêres
 Do manto branco tecido por Indiferença
 Um pássaro se choca contra o vidro no qual
 Me apoio pensativo entre sorrisos da infância
 O vermelho de seu sangue luta um momento
 Contra o gêlo de minha branca indiferença
 E então compreendo trop tard trop tard
 Que eu deveria ter tomado o expresso azul
 O trem azul e não êste aqui
 O expresso que partiu para Madrid às 9 e 30

A pele na pele
 A pele sob a pele
 A pele cobrindo a pele com seu fogo-manto
 Céu de tempestades espasmos de gôzo
 Céu de amor e a pele sob a pele

Um deus louco possui o lótus indiferente
 O divino cobre a flor com seu desejo
 Silêncio côr de larvas
 Sexo passagem para o desespero

O deus parte o lótus é partido
 Perfume branco pairando na planície

A noite tranqüila o lótus destruído
 As estrêlas se apagam em um nôvo dia
 Nem mesmo choram as flôres irmãs

Venus vestida de vermelho/esgotada
 Aurora sai do leite do Oceano
 Uma a uma descem as estrêlas
 Para os braços do gigante verde
 Impassível belo e poderoso
 Sempre à espera de novos cúmplices

Céu de tempestade sexo e trovoada
 Raios ventos gemidos lancinantes

E a pele cobre a pele com seu fogo-manto

A Esperança veio a Bruxelas ontem à noite pouco antes da meia-
noite
Desespêro quereis a batalha? Eis-me guerreiro
Minhas armas aqui estão: Êstes olhos que abrigam a tristeza
Êstes braços que deixaram fugir a felicidade
Depois de tê-la cingido tão longamente contra esta chama
Que como uma estrêla guiava os passantes
Ao ninho onde se escondia o Amor
A todos eu mostrava o caminho e eu mesmo o perdi
Mas aqui em Bruxelas a Esperança desceu em meu ser adorme-
cido
Para mostrar-me o esconderijo distante
No qual chora o coração que eu feri então

destruição

Quatro faces da Morte
Cavalgam feros corcéis

Cavaleiros dementes
Irrompem pelos céus

Às montarias veste
Poeira cinza mortal

Os ares tonitroam
Com o galope espectral

Sangue jorra das nuvens
Gritos rebentam cruéis

Mortos mares exangues
Erguem mãos agonizantes

Ancestrais oceanos
Soluçam verdes prantos

As brancas garras estendem
Com desespêro imenso

Divindades marinhas
Içam-se nos vagalhões

No tumultuar rubro
Dos céus encandecidos

Mortais estertores
Dos séres são partidos

Homens martirizados
Povoam mortos reinos

E deuses primitivos
Saciam-se com sangue

No santuário da Dor
A divindade sem côr

desolação

Os cavaleiros da Morte
Cobrem com mantos o sol

Cinzas vestem cidades
Teias cobrem o mundo

Antigos mitos descem
À terra calcinada

Espectros perambulam
Nas ruínas fumegantes

Imenso sofrimento
Silêncio inclemente

Mais que nunca os astros

Passam indiferentes

Mais que nunca a Lua
Lembra a alva Morte

Irmãs soturnas da Dor
Trigêmeas assassinas

Nada além do Nada
Atro inundamente

reconstrução

Pelas frestas das nuvens
Descem raios dourados

Orvalhos inundam
As terras ressequidas

As plantas brotam
Alguns séres despertam

Espelhos da Natureza
Às águas vêm amantes

Substituem os homens
As divindades idas

Entes ressurretos
Abraçam-se com ardor

A imensa cópula
Repovoa o êrmo

O Amor reconstrói
O mundo destruído

À sua semelhança
Em proporções divinas

Os dias são todos iguais
 Ao prisioneiro de Reading
 A ronda passa monótona
 As horas soam silêncios
 Silêncio acorda silêncios
 Na mudez da solidão
 Na penumbra da prisão
 Sonhava com meu amigo
 O companheiro partido
 Nas asas da traição
 E a ronda que passava
 Meu coração escutava
 Soluçando um perdão
 Do amigo à traição
 E os vejo inda silentes
 Aquêles pássaros negros
 Voando pretos e ardentes
 Nos arredores de Reading
 Nos negros céus repelentes
 Pássaros negros e silentes
 O vôo atroz predizendo-me
 Anos tristes e dementes
 Com tua ausência fechado
 Por trás das férreas grades
 Dos atros muros de Reading

Eu te perdoo amigo
 Que a gélida noite invernal
 Te transporte meu sofrimento
 Na boca de vinho úmida
 Do último beijo ardente
 Que o gélido vento transporte
 A recordação dêsse ausente
 Daquele por ti ingrato
 Prêso na cela inclemente
 Sugando-te da alma o prazer
 Levando-te ao peito o sofrer
 Nevando tristeza em teu ser
 E não te esqueças de teres —
 — Nevando tristeza eu teu ser —
 A mim trazido o morrer

In a dark countryside a poet is born
 Vive num mundo escuro visitado do vermelho habitado pelo negro
 desertado do azul
 Mora num país que é todos fala a linguagem de todos embora
 seja de nenhum
 Não se vê porém
 Não porque o esqueçam/Como esqueceriam aquêles que nunca
 viram?
 É um ser habitado pela região em que vive
 Negras nuvens de desespêro pairam no coração do poeta:

“Onde a alma irmã?
 Onde o esconderijo do ser que completa o meu?
 Por que êste encontro no qual fui ao encontro meu”?

Como queres ser feliz e poeta ó predestinado ó maldito!
 Escolhe virilmente o árduo caminho de teu ser
 O heroísmo é silêncio/A lamúria um idioma efeminado
 Sê forte e um dia vencerás
 Não procures compreensão: um dia ela virá a ti e se não vier
 que importa?
 A afirmação de um poeta é a sua própria compreensão

Eu não me esquecerei de Bruges
 Bruges of the ancient days
 of the ancient ways

Dos estudantes tranqüilos
 Idade Média Renascença
 Construções tão antigas

Des étudiants pensifs marchant dans de vieux
 bâtiments

Vivre c'est comme mourir à Bruges
 Mourir c'est comme la vie à Bruges

Eu gostaria de morrer ali
 Não no Grote Markt
 Num lugar mais tranqüilo
 Como por exemplo
 No pavimento em frente a
 Basílica do Santo Sangue de Cristo
 ou talvez

Ao admirar mais uma vez
 atentamente
 cheio de emoção
 Sibylla Sambetha de Hans Memling
 ou quem sabe

No interior da Igreja de Notre Dame
 Em adoração diante da Madona de Miguel Ângelo

La vie c'est comme la mort à Bruges
 J'aimerais vivre et mourir à Bruges

Abraçado à Arte
 Em silêncio .

Que procuras no mistério infindo dessas águas?
 É tua alma que buscas no reflexo de tua carne?
 Ou é a beleza a beleza tua que te fascina?
 Procuras nas águas alguém que não está contigo
 Ou é o vazio o imenso vazio que te absorve o olhar?
 Ésse alguém que nas águas repete tuas perguntas
 Essas palavras que confirmam tuas palavras
 É apenas Ilusão que te responde e ilude
 Não te procures mais não te ouças mais
 Ou é tristeza apenas tristeza que sentes Narciso?
 Indagas talvez de tua imagem o mistério de teu ser
 Narciso eis a natureza o amor eis a vida
 Esquece essa ilusão que no lago miras
 Procura outras nesse vasto mundo que habitas
 Ouvida a ti mesmo que te fascinas
 É grande o mundo/Parte foge esquece Narciso

morte

O sol te envolve te envolvem as águas
 O universo marítimo te contempla
 Mas volves o rosto em tua busca única
 A sempre frustrada busca de ti mesmo
 Choram as águas a dor de tua perda
 Não te perturba a tristeza que não entendes

Não te sabem amado Narciso
 Teu corpo alvo se confunde com a areia branca que te venera
 Em vão te procuras no fundo do lago pobre pastor enamorado
 Sopra o vento angustiado choram as águas pelo jovem afogado
 Na última contemplação absorvido pelo próprio amor destruído
 Pelo encontro e reflexo seus consumido morreu Narciso

vozes entristecidas

O mais amado partiu e nos deixou
 Deixou o amado o que ficou
 Ficou no mundo só a dor
 A dor por Narciso que se amou
 Ai Narciso!
 Te fôste para sempre e nos deixaste
 Deixaste no mundo os que te amavam
 Te amavam aquêles que ficaram
 Ficaram sós os que deixaste
 Ai Narciso!
 Chora o mundo a tanta dor
 A dor pelo amado que se amou

ressurreição

Mas um tanto amor não morreu
 Pelo mundo se espalhou
 Renasceu o belo pastor
 Nos sêres da terra tôda
 Que guardam entre si repartidas
 As migalhas de seu grande amor
 Por tôda parte estás Narciso
 Em cada ser que se ama
 E teu amor imenso e mortal paixão
 O ato imorredouro de tua contemplação
 É ainda vasto eterno grandioso
 Um dia ressurgirás em alguma parte
 Absorverás todo êsse amor que semeaste
 Mais uma vez Narciso outra vez amante
 A última contemplação e mais uma ressurreição